

Crítica e Sociedade surgiu em 2011, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia; desde então, tem buscado se consolidar - no espectro editorial especializado das Ciências Sociais - como uma revista fundamentalmente crítica. Interessa-nos receber e divulgar artigos, resultantes de pesquisas, que partam de perspectivas analíticas críticas da cultura e da arte, da economia, das ideologias, da política, do poder e do Estado, da ciência e da educação, dentre outras dimensões sociais. Nossa revista tem publicado artigos, resenhas e dossiês de autores nacionais e internacionais, tal como no presente número em que um episódio da história portuguesa é discutido ampla e criticamente.

No presente número de *Crítica e Sociedade* publicamos, com especial satisfação, um dossiê em torno dos **40 anos da Revolução de Abril de 1974** - histórica experiência revolucionária portuguesa que, além de pôr fim ao mais longo regime ditatorial europeu no século XX, configurou-se como um movimento social “sem paralelo no conjunto das experiências da época”, dinâmico, de base popular, marcado por inúmeras experiências de auto-organização e protagonizado pelo operariado português, cujo horizonte seria a “revolução social”.

No dia 25 de abril de 1974, o Movimento das Forças Armadas (MFA) pôe fim à ditadura portuguesa. Muito embora tenha se iniciado com ações dos militares que cercaram o governo ditatorial, a tomada do poder saiu do estrito controle das forças repressivas, tornando-se uma revolução popular impulsionada por greves, ocupações de fábricas e empresas, muitas delas espontâneas e dirigidas por comissões de trabalhadores e trabalhadoras. À adesão inicial ao movimento de abril de 1974 e aos objetivos de por fim à guerra colonial e construir um regime democrático, seguiu-se uma luta social marcada por greves, paralisações e combates dentro e fora das fábricas, que colocaram a ordem capitalista em xeque. Nas palavras de vários historiadores: os oficiais portugueses destamparam uma panela de pressão.

A dinâmica e as experiências de auto-organização nos bairros, no campo e nos locais de trabalho constituem, para muitos, o maior legado a Revolução de 1974. Organizado pelos colegas portugueses João Valente Aguiar e Ricardo Noronha, o presente dossiê recobre alguns eixos fundamentais do processo revolucionário de 1974: a atuação e os movimentos da burguesia portuguesa diante do avanço das lutas populares, o papel da burocracia de Estado, a dinâmica dos conflitos sociais no contexto dos locais de trabalho e nos campos do Sul de Portugal, o processo de nacionalização do

sistema bancário durante o Governo Provisório e, finalmente, as representações estéticas e literárias do processo revolucionário, analisadas a partir de canções, filmes e romances, que evidenciam a “guerra de narrativas”, em torno do legado da Revolução de Abril de 1974. Nossos agradecimentos aos organizadores e autores deste importante Dossiê.

Além do Dossiê sobre os *40 Anos da Revolução de Abril de 1974*, três artigos são publicados neste número de *Crítica e Sociedade*.

De autoria de Marcos Aurélio da Silva, “Na senda do reformismo: o Brasil sob os Governos do PT” discute algumas políticas implementadas pelos governos do Partido dos Trabalhadores, a partir das tendências e contradições da formação social brasileira. Tomando o conceito gramsciano de revolução passiva, o autor questiona a natureza dos governos petistas, bem como as manifestações de junho de 2013.

Em “A Formação de Professores de Ciências Sociais frente às políticas educacionais”, Amurabi Oliveira toma como objeto o atual cenário do ensino de sociologia, discutindo tanto a formação de professores nos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais quanto às políticas educacionais que fomentam tal formação. A teoria sociológica, num sentido amplo, é o tema do artigo de Débora Regina Pastana, intitulado “Mudanças sociais contemporâneas”. Pastana problematiza a formação dos sociólogos, a partir de sua experiência docente, indagando: que contribuições têm a sociologia contemporânea para o entendimento de “uma nova morfologia do social”?